

---

turismo religioso com o sagrado e o profano, faz-se do local um Património rico em cultura material e imaterial, que em sua dinâmica dialética, produz mais-valia tanto para Braga quanto para Portugal. O comprometimento de todos, portanto, é condição *sine qua non* para que o Santuário seja elevado e reconhecido pela UNESCO como Sacro-Monte do mundo. Esta causa não é somente religiosa ou económica, mas, sim, cultural e histórica.

Por outro lado, o Sacro-Monte tornou-se, em sua dialética, um centro sagrado e profano, pois, além de receber peregrinos, fiéis do Bom Jesus, também é palco de festas e comemorações; pagamento de promessas e rituais por parte dos devotos que escapam do controle clerical. Surgindo por volta dos séculos XIII e XIV, o Sacro-Monte prova ser um fenómeno religioso constante. Primeiro como local de esperança para se escapar das enfermidades, da morte e na busca da salvação. Apresenta-se assim como um espaço de dimensão lúdica; em segundo lugar, como condição material que se pode observar com sua construção arquitetónica. Esse campo dinâmico do fenómeno religioso, com o tempo, provocou conflitos entre os cultos, as peregrinações e rituais que foram sendo apropriados pelo clero, que a partir do Concílio de Trento começou a controlar estes locais sagrados de peregrinação. Uma verdadeira disputa em torno do poder simbólico. Não há como negar, portanto, que o Bom Jesus é uma criação humana, da fé, da arte, da devoção e da compaixão representada naquela “Jerusalém Ibérica”. É um espaço que representa as cenas da paixão com elementos típicos de uma vida dolorosa pela qual passam seus fiéis, tornando-se, dessa maneira, um típico calvário de substituição para seus devotos. Desse modo, o Sacro-Monte é a verdadeira representação da dor humana em memória de Cristo.

## Jornadas de Estudo “Identidade Social, Religião e Aparelhos de Estado na Grande Lisboa” Lisboa, 26 de junho de 2015

ANTÓNIO MATOS FERREIRA | CÁTIA TUNA | LUÍS SALGADO DE MATOS

No dia 26 de junho de 2015 tiveram lugar na Sala Vip do Edifício do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS) as jornadas de estudo “Identidade Social, Religião e Aparelhos de Estado na Grande Lisboa” (NUTs 20 e 21), homónimas do projeto de investigação trienal assumido de há dois anos a esta parte pelo Seminário Permanente sobre o Estado e as Igrejas, promovido pelo Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR) da Universidade Católica Portuguesa e pelo Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa, sob a coordenação dos Doutores António Matos Ferreira e Luís Salgado de Matos, assim como da Mestre Cátia Tuna – equipa que também organizou as Jornadas. O projeto visa recolher informações sobre a interação das Igrejas (organizações do simbólico), das organizações

de segurança e do Estado (organizações da economia) em termos de produção e reprodução da identidade social, procurando testar a hipótese da continuada relevância das religiões tradicionais. No ano universitário 2014-2015, o projeto foi centrado no estudo do bairro da Cova da Moura, na freguesia das Águas Livres (antes era da Buraca), município da Amadora, cuja população é em larga medida caboverdiana ou de origem caboverdiana.

As Jornadas visavam obter informação para testar a hipótese de trabalho confrontando universitários, técnicos e atores sociais, num ambiente que desse espaço ao debate oral para que todos os participantes tivessem oportunidade de intervir. O programa incluiu exposições de caráter universitário e um espetáculo de música e dança por se considerar que estas duas artes são processos identitários relevantes.

As Jornadas foram preparadas no blog <https://seminariopermanenteestadoigrejas.wordpress.com/>, onde continuam disponíveis materiais sobre as comunicações nele apresentadas. Nas semanas de 15 a 28 de junho, o blog recolheu 755 visitas.

Este dia de debate teve como objeto de estudo a correlação entre identidades e dinâmicas de pertença sociais na Grande Lisboa, articulando dois distintos patamares da produção de sociabilidade como sejam as instituições de segurança e do simbólico, incluindo as religiosas e as seculares. Todos estes aspetos apresentam níveis de integração mas também de exclusão, definindo fronteiras de identificação e de mobilidade. Quando as identidades sociais se afrontam no mundo, recorrendo tantas vezes às religiões, o estudo da identidade em termos de ciência social é uma necessidade antes de ser um apelo.

O programa foi pensado de uma forma tríptica. A parte da manhã foi mormente subordinada às dinâmicas de integração simbólica religiosa (a ação das Igrejas); o começo da tarde focou-se na ação do Estado; o fim da tarde compreendeu um espetáculo de funaná, uma dança típica de Cabo Verde, e a sua análise.

As jornadas encetaram, a seguir a uma rápida declaração de abertura, com uma comunicação de Paulo Alexandre Alves e António Matos Ferreira, ambos do CEHR, que afrontaram o tema “Formas de lideranças e identidades em dinâmicas de periferia urbana”. Ambas as intervenções facultaram um conjunto de ideias sugestivas e baseadas na observação na realidade. O primeiro interveniente começou por apresentar as diferentes malhas urbanas da Cova da Moura e de outros bairros geograficamente próximos e com problemáticas sociais similares. De seguida expôs algumas ideias sobre a liderança, evocando, por exemplo, o lugar da rua como possibilidade de construção de líderes por oposição a dinâmicas institucionais, a distinção entre a auto enunciação da autoridade (líder nominal) e o reconhecimento da mesma, a diferença entre a formação de lideranças e a formação de elites, sendo esta última determinada pelo fator “herança”. O segundo interveniente referiu a existência de lideranças de várias naturezas em detrimento da ideia de um tipo único de liderança, dependendo, por exemplo, de diferentes modelos de identificação. Indicou algumas questões em torno da problemática das lideranças: as tensões e a concorrência, a insuficiência das instâncias e o seu papel de disciplinamento, a diferenciação dos mecanismos do decidir, do mandar e do convencer, as dinâmicas de autoproteção do líder e a relevância do seu grau de persistência, a sua capacidade de afirmação relacionada com a satisfação de expectativas bem como o problema da evolução pessoal dos próprios líderes; destacaram-se quatro conceitos: poder e autoridade (sobre os quais realizou uma análise comparativa), influência e mobilização. O interveniente procurou ainda relacionar o

---

problema das lideranças com o trabalho de investigação realizado em torno do Bairro Cova da Moura, enunciando por exemplo a tendência de líderes externos à comunidade e a necessidade de construção de lideranças da comunidade para ela própria e para fora.

No debate, Sérgio Ribeiro Pinto perguntou porque não falaram de “carisma”. L. Salgado de Matos referiu que há anos o Dr. Mário Bacalhau, um pioneiro da sociologia empírica em Portugal, lhe referia que nunca conseguira aplicar ao caso português os inquéritos americanos sobre lideranças, o que levantava problemas práticos e teóricos.

A comunicação seguinte, “Música de bandidos, palavra de Deus: percursos e discursos de rappers evangélicos na Grande Lisboa”, foi apresentada por Cátia Tuna e teve como base cinco entrevistas a músicos de rap evangélicos, residentes na área metropolitana de Lisboa, e em alguma das suas produções musicais escritas. Contextualizou o rap gospel e a cultura hip hop, referiu a dupla identidade dos entrevistados – a rua e a igreja, a negação do rap secular e a afirmação do rap cristão –, abordou as narrativas sobre a trajetória rejeição-aceitação por parte das suas comunidades religiosas, nomeadamente os líderes, e do mundo do rap em geral, e resumiu o percurso dos rappers entrevistados, nomeando bandas e editoras e evidenciando as redes criadas. Enunciou eixos temáticos fundamentais e estilos discursivos a partir das entrevistas e das letras cantadas, a saber: uma prédica deliberadamente de crítica e de exortação face a comportamentos sociais, às próprias igrejas e ao mundo da produção do rap que coexiste com uma atitude prosélita traduzida numa intenção salvífica ou de cura relativa ao público-alvo. Referiu ainda a centralidade da conversão, enquanto causa da prática do rap cristão e efeito pretendido, a linguagem com elementos bélicos e proféticos fortemente alusivos à ideia de “vitória”. O rap cristão exprime uma consciência crítica e constrói protagonismos ou lideranças alternativos.

No debate, Luís Salgado de Matos declarou-se surpreendido com o nacionalismo explícito de algumas letras e perguntou se a maior parte delas não devia ser considerada uma linguagem mística moderna, comparável à poesia mística do barroco.

Depois do debate, Sérgio Ribeiro Pinto, do CEHR, propôs uma comunicação intitulada “O clero de Lisboa como fator de identificação e de integração”, uma interpretação de dados relativos a párocos das paróquias do antigo Patriarcado de Lisboa (anterior às dioceses de Leiria, Santarém e Setúbal), mais concretamente, nos dados das côngruas paroquiais de 1840 a 1910, relacionado com a sua tese de doutoramento. A comunicação, produzida em colaboração com L. Salgado de Matos, privilegiou o caso do território e do clero da diocese de Setúbal, analisando a sua especificidade no que respeita à mobilidade do clero, desde a Monarquia Liberal e até ao Estado Novo. De facto, a maioria dos párocos eram originários de outras zonas do país e a colocação nas paróquias da península funcionava em grande medida como um trampolim de entrada em Lisboa. Aqueles párocos eram comparativamente bem pagos, mas registava-se uma maior desigualdade económica entre eles. Neste sentido, o prestígio social do clero da margem sul era assinalável, no que respeita a intervenções em vários âmbitos da esfera pública, nomeadamente da sua ação social, que fez com que vários párocos gozassem de continuidade na memória local.

Durante o debate, A. Matos Ferreira referiu que o Cardeal Cerejeira colocava alguns dos mais reputados sacerdotes na zona industrial do Barreiro, e exemplificou com Fernando Belo.

Seguiu-se uma pausa para o almoço. Os trabalhos recomeçaram com uma comunicação sobre as “Especificidades da Ação Social na área metropolitana de Lisboa”, do Dr. Acácio

Catarino, um respeitado técnico de ação social. Começou por singularizar a cidade de Lisboa, assinalando os graves problemas de desemprego, trabalho precário e coexistência da pobreza exposta – mendicidade, sem abrigo... –, da oculta e da envergonhada; persiste a tecnocracia social, como se as relações de entreajuda e de voluntariado de proximidade tendessem para a extinção; poderá falar-se de um processo de “desproximização”, que já vem de longe. Persistem também as desarticulações dos atores, públicos e privados, da ação social, o que é notório nos serviços de ação social da Segurança Social e das autarquias locais, no apoio aos “sem abrigo”, na impossibilidade de visita regular às pessoas isoladas, na mendicidade, na recusa do princípio da universalidade, no distanciamento entre ação social, emprego e economia. Em cidades como Setúbal, Almada e Amadora as articulações dos serviços de ação social da Segurança Social, das autarquias e das IPSS, ainda que improvisadas, são melhores do que em Lisboa. Salientou o Centro de S. Francisco Xavier, em Setúbal, o Centro Social Paroquial P. Ricardo Gameiro, na Cova da Piedade (concelho de Almada), a Santa Casa da Misericórdia da Amadora.

No debate, a Doutora Teresa Clímaco Leitão, com experiência autárquica na cidade de Lisboa, evocou um *grupo de mulheres, que ajudara como voluntária, as quais se tinham organizado para apresentarem uma lista para as eleições da junta de freguesia*.

Seguiu-se a comunicação do Doutor Gonçalo Rocha Gonçalves, professor no ISCTE-IUL, com a temática “Metrópole e malha policial: a esquadra de polícia na Lisboa contemporânea”. O historiador começou por assinalar o mediático caso do bairro Quinta da Fonte, no concelho de Loures, decorrido em 2008, apontando a ausência de uma esquadra de polícia no bairro como fator explicativo ou favorecedor dos acontecimentos de desordem pública nele decorridos nessa ocasião. Com esse mote, desenvolveu uma reflexão sobre a função da esquadra de polícia, que foi marcada por um enquadramento histórico. Deste modo, explicou a origem da esquadra em Portugal, a sua etimologia (por via da língua italiana, deriva de “esquadria”, e remete por isso para uma porção de território delimitado e à cobertura da esquadra do mesmo), assinalando as primeiras esquadras na cidade de Lisboa, as funções que perderam e que adquiriram desde a sua génese até agora, e analisando a sua exponencial multiplicação na cidade de Lisboa.

No debate a Doutora Maria Belo descreveu com pormenor o processo de integração social de um familiar seu, de origem em parte caboverdiana.

A comunicação sobre experiência de trabalho autárquico em Lisboa, por Khalid Jamal, autarca na freguesia de Santa Maria Maior, não teve lugar por motivos imprevistos.

O último painel, moderado pela Doutora Maria Belo, incluiu uma comunicação do Doutor Rui Cidra, professor da Universidade Nova de Lisboa pertencente ao INET-md, e um espetáculo de funaná. Cidra falou sobre “Funaná e a economia expressiva da masculinidade cabo-verdiana santiagoense: reflexões a partir dos bairros da Área Metropolitana de Lisboa”. Esta comunicação foi guarnecida com a audição de alguns exemplos musicais recolhidos em áudio durante o trabalho de campo na ilha de Santiago realizado pelo etnomusicólogo. Aquele género balético-musical foi considerado como fator identitário não só em relação à nacionalidade mas também ao género, em particular na “diáspora”. Neste sentido, foi apresentada uma descrição do funaná no que respeita, por exemplo, aos instrumentos musicais (*gaita e fero*), distinguiu os papéis da mulher e do homem na produção da música e da dança, referindo modelos de masculinidade (como o bandido) ou de feminilidade (mulheres que também eram tocadoras e que detinham particularidades comportamentais). O espetáculo de música e dança de funaná

---

foi da responsabilidade do cantor Mica Kutubelada com a participação das bailarinas Ana e Selma, com o apoio do Dj Agnelo. Depois do espetáculo, os artistas responderam a numerosas perguntas. De seguida foram debatidos a comunicação de Rui Cidra e o espetáculo.

Os trabalhos foram encerrados com um discurso de A. Matos Ferreira que integrou os resultados das jornadas na pesquisa em curso; num aparte L. Salgado de Matos salientou o papel estratégico do Centro de Estudos de História Religiosa na concretização das Jornadas.

## Conferência Anglicana / Velho-Católica em torno do 50.º Aniversário da Concordata de Plena Comunhão entre a Igreja Lusitana, a Igreja Espanhola Reformada Episcopal e a União de Utreque (Igrejas Velho-Católicas) Lisboa, 26 e 27 de junho de 2015

R I T A M E N D O N Ç A L E I T E

A Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica (ILCAE) organizou, com a cooperação da Igreja Espanhola Reformada Episcopal (IERE) e a União de Utreque, nos dias 26 e 27 de junho do presente ano de 2015, na Catedral Lusitana de S. Paulo, em Lisboa, uma “Conferência Anglicana/Velho-Católica”. Esta iniciativa visou comemorar o 50.º Aniversário da assinatura da “Concordata de Plena Comunhão” entre a ILCAE e a Comunhão das Igrejas Velho-Católicas de Utreque (Holanda), evocando também o aniversário da assinatura, no mesmo ano de 1965, de um documento similar entre a União de Utreque e a IERE. A conferência teve carácter internacional, com a presença de participantes portugueses, espanhóis e holandeses, e interdenominacional, com a presença de membros de igrejas do Conselho Português de Igrejas Cristãs (COPIC), da Aliança Evangélica Portuguesa (AEP) e da Igreja Católica Romana.

As três sessões, que decorreram ao longo da manhã e tarde de dia 26 e manhã de dia 27, foram ocupadas com várias intervenções em torno de temáticas históricas relacionadas com o percurso da ILCAE, desde a sua fundação, em 1880, até à atualidade. A partir do contexto da criação da Igreja Lusitana, já amplamente estudado no âmbito historiográfico e integrado num processo de diferenciação religiosa em curso no país nos finais do século XIX, onde a implementação e crescimento de denominações cristãs ligadas ao chamado “protestantismo histórico” tiveram lugar essencial, desenvolveu-se uma reflexão aprofundada sobre o caminho percorrido até aos dias de hoje. A identidade e o projeto da ILCAE, em grande medida definidos no prefácio da primeira edição do seu *Livro de Oração Comum* (1884), foram sucessivamente recompostos ao longo das décadas seguintes em busca de um equilíbrio entre aquela herança da Reforma, a tradição episcopalista, a aproximação ao anglicanismo e a inspiração velho-católica.

No acompanhamento desse processo de recomposição e progressiva consolidação identitárias, que a iniciativa procurou no fundo estudar e celebrar, foi valorizada a componente